

**COMPOSIÇÕES POÉTICAS DE JOAQUIM EMBIRUCÚ
EM *O CONSERVADOR*:
UMA PROPOSTA DE EDIÇÃO INTERPRETATIVA**

Nair Caroline Santos Ramos (UNEB/PICIN)
caroline-somar@hotmail.com

Maria da Conceição Reis Teixeira (UNEB)
conceicaoreis@ig.com.br

RESUMO

Neste trabalho, apresenta-se uma proposta de edição dos sonetos de Joaquim Embiruçu resgatados do periódico baiano *O Conservador*. Objetivou-se ainda apresentar alguns aspectos sociais e literários do período em que os textos foram escritos. Discute-se sobre a tarefa filológica no resgate de textos produzidos em diferentes épocas. Buscou-se ainda estabelecer a relação entre o fazer filológico e o literário, destacando o diálogo que ambos estabelecem objetivando contribuir de modo significativo para a interpretação de textos literários. Discute-se sobre a relação entre literatura e sociedade, enfatizando o papel social da literatura. *O Conservador* é apresentado como um jornal baiano que muito contribuiu para a difusão das produções literárias locais. Dedicam-se ainda algumas páginas para apresentar dados biográficos sobre Joaquim Embiruçu, autor objeto do presente estudo. Oferece-se uma leitura interpretativa dos seus sonetos publicados em *O Conservador*, relacionando-os à estética parnasiana.

Palavras-chave: Joaquim Embiruçu. *O Conservador*. Edição interpretativa. Ecdótica.

1. Introdução

Para conhecer e entender o passado dos povos faz-se necessário buscar os registros por eles deixados. O resgate do saber produzido pela humanidade é o único meio de enveredarmos por este caminho. A filologia tem como uma de suas tarefas resgatar e preservar o saber produzido pelo homem em tempos pretéritos que foram lavras em documentos escritos. Vários aspectos da história, da cultura, das línguas e literaturas só puderam e poderão ser decifrados graças ao trabalho filológico de resgate e edição de textos.

No presente texto, objetivamos apresentar uma proposta de edição interpretativa de alguns textos poéticos de Joaquim Embiruçu (18??–1924⁷⁸) publicados em *O Conservador*, e, ao mesmo tempo, fornecer ma-

⁷⁸Até o momento não foram localizados dados seguros sobre a data em que o poeta itaparicano nasceu. Apenas temos documentos que atestam o ano de seu falecimento. As poucas informações so-

terial confiável sob a sociedade baiana do início do século XX, permitindo que o leitor contemporâneo possa lançar o seu olhar sobre aquela sociedade à luz de diferentes perspectivas.

O presente trabalho é fruto de um subprojeto de pesquisa Edição e Estudos de Textos Literários e Não Literários publicados em *O Conservador*, entre 1912 a 1925. Este, por sua vez, provém de um projeto de pesquisa maior: Edição e Estudo dos Textos Literários e Não Literários Publicados em Periódicos Baianos, de autoria da professora doutora Maria da Conceição Reis Teixeira. O projeto da referida professora tem como um dos objetivos resgatar a produção literária do início do século XX que se encontra dispersa em periódicos.

A amostra aqui analisada incide sobre as coleções de *O Conservador* de 1921. Os textos recolhidos do referido periódico receberam tratamento filológico, conforme preconiza a crítica textual moderna. Durante o trabalho de recolha dos textos adotamos os seguintes procedimentos: a) localizar o periódico acondicionado no setor Periódicos Raros da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, situada nos Barris, em Salvador; b) fotografar os textos; c) transcrever os textos; d) descrever fisicamente os textos e; e) estabelecer critérios e modelo editorial a ser adotado na edição dos textos recenseados.

Do universo de 49 escritores resgatados de *O Conservador* entre 1921 a 1925, selecionamos Joaquim Embiruçu para objeto do presente estudo pela singularidade de seus textos, pelo assunto tematizado e pela forma de os seus versos: sonetos.

Desse modo, acredita-se que com o trabalho de resgate de textos de escritores que têm sua produção intelectual situada nesse período, especialmente aqueles que tiveram como único meio de difusão de sua produção os periódicos, estaria contribuindo para a preservação do patrimônio cultural produzido em solo baiano.

2. Editar textos: uma tarefa filológica

A filologia é uma ciência milenar, natural, portanto, que, ao longo de sua história, teóricos filiados a vertentes diferentes tenham se dedica-

bre a sua biografia aqui apresentada foram colhidas em notas de seu falecimento publicadas em *O Conservador*.

do a defini-la, delineando a sua abrangência. Natural também que haja divergência; uns abrem o seu leque de atuação, outros o restringem. Leite de Vasconcelos, por exemplo, citado por Câmara Jr. (1978, p. 117), destaca a filologia como uma disciplina voltada ao “o estudo da nossa língua em toda a sua plenitude, e o dos textos em prosa e verso, que servem para documentar”. Recuando um pouco no tempo, temos Francisco da Silveira Bueno (1967) que delimita a abrangência dessa disciplina nos seguintes termos:

[...] A filologia não estuda, portanto, a língua em si mesma, tratando de conhecer-lhe todas as regras para bem falar ou escrever, nem tampouco vai pesquisar-lhe a origem, acompanhando-lhe a evolução através de todas as suas fases históricas, mas, unicamente como instrumento que serviu de expressão ao pensamento, às emoções artísticas de um povo, em tal e tal época, pensamentos e emoções artísticas que nos deixaram em seus documentos literários. Dirigir-se a filologia à interpretação do pensamento literário do passado e como tal pensamento se encontra em documentos escritos, estes são campo especial do trabalho filológico. Onde não houver documentos literários, escritos, não haverá filologia. (BUENO, 1967, p. 6-11).

O filólogo e crítico literário alemão Erich Auerbach (1972), na sua definição de filologia, afirma categoricamente que é uma área do saber muita ampla e abrangente, conforme se pode ler no trecho transcrito a seguir:

A filologia é o conjunto das atividades que se ocupam metodicamente da linguagem do Homem e das obras de arte escritas nessa linguagem. Como se trata de uma ciência muito antiga, e como é possível ocupar-se da linguagem de muitas e diferentes maneiras, o termo filologia tem um significado muito amplo e abrange atividades assaz diversas. Uma de suas formas mais antigas, a forma por assim dizer clássica e até hoje considerada por numerosos eruditos como a mais nobre e a mais autêntica, é a edição crítica de textos. (AUERBACH, 1972, p. 11).

O autor destaca a edição crítica de textos como uma das atividades mais autêntica, mais nobre, mais sublime, mais essencial do fazer filológico. Daí revelando que a prática da crítica textual é uma atividade antiga, mas, ao mesmo tempo, atual e aplicável nos dias de hoje a textos de diferentes naturezas, sejam eles literários ou não literários.

3. Filologia e literatura: um diálogo possível

A relação entre filologia e literatura é enriquecedora, em especial, na perspectiva da análise crítica de textos e de resgate de valores humanos e culturais relevantes. Essas duas ciências trilham por caminhos dis-

tintos, com objetivos variados, no entanto, em alguns aspectos, elas se aproximem. Segundo Abbade & Nunes, “o editor crítico de um texto traz à luz a sua autenticidade e originalidade”. Por outro lado, encontra-se a crítica literária que se volta para a leitura do texto com vistas ao desvelar de possíveis sentidos, à sua compreensão. Ou seja, o trabalho do crítico literário orienta-se, sobretudo, para o conteúdo da obra, embora algumas correntes não desprezem outros elementos, a saber: a contextualização da produção e recepção textual. Filologia e literatura convergem, entretanto, quanto ao objeto de estudo: o texto.

Com a ausência do labor filológico, principalmente da edição de textos, o fazer do crítico literário ficaria, de certo modo, comprometido, pois só após a reconstituição é que os especialistas em literatura poderão ter acesso à “unidade interna da obra”. (ABBADE & NUNES). De modo similar, assim como nenhuma ciência é autônoma, a tarefa de edição segue pelo mesmo percurso, “é evidente que a edição de textos não constitui uma tarefa inteiramente independente; carece do concurso de outros ramos da filologia e mesmo, amiúde, de ciências auxiliares que não são, a bem dizer, filológicas”. (AUERBACH, 1972, p. 16). Nesse sentido, examinamos que tanto a ciência literária quanto a filológica rompem com seus “supostos” isolamentos, promovendo, assim, um trabalho interdisciplinar.

A união desses campos científicos contribui para diversos estudos nas áreas do saber social, cultural, histórico, religioso, político, linguístico, jurídico, econômico, dentre outros de uma determinada sociedade pretérita. Lewis (1960), citado por Gregersen (2003), defende esta relação com intensidade expressiva:

Já me disseram que existe gente desejava de que o estudo da literatura fosse completamente livrado da filologia; isto é, do amor e conhecimento de palavras. Pode ser talvez que nem exista gente desse tipo. Mas, se existir, então, ou se trata de algum lunático, ou de gente que quer tratar, em vida, de uma desilusão obstinada e fechada a sete chaves. (LEWIS, 1960, p. 3 apud GREGGERSEN, 2003, p. 67).

Ao associar a literatura e a filologia, explicitamente ou implicitamente, observamos uma proposta de estudo de cunho analítico. Visto que examinar os textos de modo minucioso, “distante do leitor em relação ao tempo e espaço”, carece de uma ocupação manual e intelectual de trasladar (traduzir) para captar a mensagem conduzida (*Ibid.*, 2003).

Desse modo, podem-se conseguir informações da experiência humana.

[...] considero um erro supor que a nossa experiência possa, em geral, ser comunicada por meio de uma linguagem precisa e literal e que outra categoria especial de experiências (digamos as emoções) seja incomunicável. A verdade me parece ser o contrário: há um campo especial de experiências que pode até ser comunicado sem a linguagem poética, que são as suas “propriedades comuns mensuráveis”, mas a maior parte da experiência não pode. Ser incomunicável através da linguagem científica é, até onde eu possa julgar, o estado normal da experiência (LEWIS, 1996, p. 138, *apud* GREGGERSEN, 2003, p. 69).

Assim, podemos deduzir que a grande parcela das experiências humanas não pode ser manifestada por uma linguagem terminante, isto é, clara. A escrita literária contribui de modo significativo para o legado dessas experiências. Então se sobressai à relevância comparação indireta, por meio da metáfora, e do estilo poético. Esse tipo de expressão interpreta os conhecimentos do homem, recorrendo para o campo do imaginário.

4. *Literatura e sociedade: uma intrínseca relação*

A literatura é uma modalidade textual que desperta a atenção dos leitores por meio da linguagem. É escrita criativa que permanece no tempo. É a “linguagem carregada de significados”. (POUND, 2006, p. 32). É escrita imaginativa, simbólica, alegórica, elaborada esteticamente para a representação do real, físico e imaginário. Nesse sentido, é a escrita que expressa realidades subjetivas (ou do autor) e objetivas (a realidade). O crítico e sociólogo Antonio Cândido (1972) definiu a literatura nos seguintes termos:

A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade [...]. (CÂNDIDO, 1972, p. 53).

A pesquisadora Marisa Lajolo (1981) acrescenta uma às inúmeras definições de literatura:

É a relação que as palavras estabelecem com o contexto, com a situação de produção da leitura que instaura a natureza literária de um texto [...]. A linguagem parece tornar-se literária quando seu uso instaura um universo, um espaço de interação de subjetividade (autor e leitor) que escapa ao imediatismo, à predictibilidade e ao estereótipo das situações e usos da linguagem que configuram a vida cotidiana. (LAJOLO, 1981, p. 38).

Segundo Roman Jakobson, citado por Terry Eagleton, a literatura

é a escrita que se manifesta por uma “espécie de violência” sobre a linguagem cotidiana; é dotada de organização especial e criativa das expressões comuns. Logo, a literatura utiliza-se da linguagem de modo peculiar, como matéria-prima das suas obras de arte. (EAGLETON, 1974, p. 2).

Os formalistas russos, no início do século XX, propõem um caráter científico para os estudos da linguagem, trazendo bases científicas do método formal e impulsionando a linguística como ciência, bem como os estudos teóricos do texto literário. Contrapõem-se ao “subjetivismo” e “impressionismo” do exercício crítico literário, que no século XIX, por exemplo, era centrado na história da cultura e vida social, isto é, desprezando os aspectos intrínsecos ao texto, ou seja, deixando para um plano menor a questão da linguagem. Segundo Iraci Rocha, (2013), os formalistas concebiam a literatura como a “escrita portadora de literariedade”; texto com traços resultantes da “quebra do automatismo” dos elementos corriqueiros; escrita marcada por uma “deformação criadora”, pela “singularização das formas” (elementos lexicais, variações rítmicas, associações semânticas”, imagens, para causar o “efeito do estranhamento” na leitura). Consideram “conteúdo e forma” como elementos inseparáveis e “o texto como sistema”. (TOLEDO, 1978, p. 39-56). O legado teórico dos formalistas seria posteriormente bem aproveitado pelos estruturalistas que também consideravam essencial o estudo do texto, numa perspectiva imanentista, isto é, com o foco voltado exclusivamente para a linguagem, deixando de fora aspectos políticos e culturais, razão pela qual seriam considerados por correntes do pensamento crítico contemporâneos “desconectados” do contexto histórico.

A partir das décadas de 1970-1980, várias correntes da crítica literária iriam utilizar alguns operadores teóricos do chamado pós-estruturalismo e da desconstrução, na linha dos Estudos Culturais. Nessa linha, advogam a favor da produção literária com função específica social, compreendendo que “a partir da literatura pode-se encenar o saber de determinada sociedade e perceber o que esta última considera como valores importantes”. (CURY, 1992, p. 58-59)

O semiólogo francês Roland Barthes (2003) contribui com o debate afirmando que através da literatura podemos ter acesso a diversos conhecimentos de diferentes áreas:

Num romance como Robson Crusóé, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso do socialismo ou da barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina

literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. (BARTHES, 2003, p. 18).

Em consonância com Mônica Pimenta Velloso (1988), a produção literária é uma manifestação social, proveniente dos costumes, crenças, visão de mundo, valores, símbolos, dentre outros critérios adotados por um determinado grupo ou povo. Não expressa literalmente a sociedade, modificando-a ou negando-a, “dizer que ela exprime a sociedade contribui hoje verdadeiro truísmo”. (CÂNDIDO, 1980, p. 19). A literatura surge de determinados fatos históricos, mas não pode ser compreendida como retrato verídico da realidade. “A literatura também registra a história, mas o faz de modo ficcionalizado; opera por desvios”. (ROCHA, 2013).

Nesse sentido, a literatura cede à realidade um aspecto singular, por meio do processo da ficcionalização. Assim, os fatos comuns do cotidiano adquirem sentidos diferenciados. Deste modo Eagleton (2006), citado por Andrade (2012) sustenta a seguinte afirmação:

[...] a literatura, impondo-nos uma consciência dramática da linguagem, renova essas relações habituais tornando os objetos mais ‘perceptíveis’. Por ter de lutar com a linguagem de forma mais trabalhosa, mais autoconsciente do que o usual, o mundo que essa linguagem encerra é renovado de forma intensa (EAGLETON, 2006. p. 5 *apud* ANDRADE, 2012, s/p).

Dentre as muitas funções da literatura, há que se destacar a de representar a realidade, ou seja, a função social, realçando seus aspectos e afirmando-se como documento da memória social. “Essa função é que possibilita ao indivíduo o reconhecimento da realidade que o cerca quando transposta para o mundo ficcional” (AMORIM, 2001). O texto literário apresenta-se, ao mesmo tempo, como material estético em permanente processo de enriquecimento da linguagem e registro documental. A literatura, como se sabe, deleita, instrui, informa, educa, além de funcionar como depositária dos traços culturais das sociedades em diferentes épocas.

Por esse prisma, o presente artigo sobre as composições poéticas do poeta baiano Joaquim Embiruçu transita em dois sentidos: volta-se para a análise teórico-crítica-literária desses textos e, ao mesmo tempo, os resgata da “poeira dos arquivos” para trazê-los à luz das leituras contemporâneas.

5. *O conservador: mais que um jornal, um difusor de produções literárias*

Os sonetos de Joaquim Embiruçu, objetos de nosso estudo, foram publicados em *O Conservador*⁷⁹, periódico idealizado e produzido na cidade de Nazaré, por intelectuais nazarenos. Estes, por sua vez, cederam espaço para inúmeros escritores e poetas das cidades circunvizinhas, publicando seus textos literários e não literários.

O periódico *O Conservador* teve um importante papel no Recôncavo Baiano nas primeiras décadas do século XX: propagar textos literários de escritores desprivilegiados por críticos e teóricos das Belas Letras. De acordo com a pesquisadora Patrícia Barbosa dos Santos, no início do século XX, a história da literatura brasileira começa a fazer um estudo das culturas e sociedades antigas através da análise dos seus vestígios materiais e para tal utiliza-se dos jornais como fonte essencial para obtenção de informações.

O jornal revela-se como lugar onde podemos pesquisar, tanto o que foi deixado de lado pelos historiadores, seja por falta de leitores que o autorizassem, seja por não se enquadrar em modelos e padrões, como o que permaneceu e por que o fez, rompendo essa ilusão positivista, tão difundida nos Cursos de Letras, de uma ruptura universal com as práticas literárias do passado. (SANTOS, p. 2).

O município de Nazaré distante geograficamente dos grandes centros geradores de cultura e com um número considerável de analfabetos, naquele período, possuiu uma atividade jornalística e literária expressiva. Os diversos escritores não consagrados que fizeram uso deste meio de comunicação para difundir os seus textos foram esquecidos e suas obras se tornaram desconhecidas pelo público leitor contemporâneo.

O Conservador, periódico semanal, de pequeno porte, situado na rua do comércio, nº 60. Tornou-se principal órgão de comunicação e de difusão da cultura do Recôncavo Baiano. Trazia o subtítulo: *Semanario, Noticioso, Litterario e Popular*, o que definia as pretensões em ser difusor das produções artístico literárias da região. Nas muitas edições que fez circular semanalmente tinha sempre um espaço reservado para a publicação de textos literários, como crônicas, poemas, contos e romances folhetins.

Com tudo, observamos o quão significativo à importância do res-

⁷⁹ Periódico fundado em 05 de maio de 1912, por Anísio Melhor, Edgar Matta e Militão Santos.

gate e edição de textos literários e não literários em periódicos, pois muitos podem nos reservar boas surpresas de nossa literatura.

6. Joaquim Embiruçu: vida e obra em *O Conservador*

O autor objeto de estudo do presente texto é o itaparicano Joaquim Embiruçu. Pouco se sabe da sua biografia já que, pelo que reunimos até o momento, não publicou sua produção intelectual em um volume e nem os livros, as coletâneas de literatura baiana fazem referência ao seu nome. As informações sobre a sua vida e sua obra aqui apresentadas só puderam ser tecidas porque localizamos no periódico *O Conservador* duas notas sobre o seu falecimento.

Casou-se com a nazarena D. Maria Augusta Guabiraba, com quem compartilhou a responsabilidade de educar cinco filhos: José e João Embiruçu, Srtas. Almira e Maria Antonieta e a Sra. D. Maria Amélia, esposa do Sr. Reginaldo Costa. E faleceu em 7 de junho de 1924, ano da publicação das notas de seu falecimento.

A partir do trabalho de resgate dos textos veiculados no jornal *O Conservador*, podemos afirmar que Joaquim Embiruçu foi um homem que se dedicou ao mundo das letras, seja escrevendo versos seja compondo letras de músicas. Segundo consta na referida nota, produziu diversos trabalhos na área da música, compondo canções para novenas, hinos religiosos para serem apresentados nas festividades religiosas da Igreja Católica. Além de compor as letras, durante alguns anos, foi mestre de filarmônicas em Nazaré e em outras cidades do Recôncavo Baiano.

Ainda segundo as notas de falecimento, Embiruçu fundou o *Independente*, um periódico nazareno, que diariamente circulava informações sobre Nazaré e cidades circunvizinhas. Neste periódico exerceu o cargo de diretor e provavelmente utilizou-se das páginas do “seu jornal” para veicular os seus versos.

Como homem das letras, produziu uma vasta coleção de versos. Utilizou-se também *O Conservador* como meio de difusão de sua produção, inscrevendo o seu nome no rol daqueles que produziu versos na Bahia. Publicou com seu amigo Pedro Ramos *Pequeno Album*, um livro que traz informações, curiosidades históricas e biografias de personalidades nazarenas.

Mudou-se para a cidade de Canavieiras, no sul do estado, onde

fundou o periódico *Monitor do Sul*. Logo depois, vendeu-o para o jornalista Antonio Nunes. Alguns anos depois, transferiu-se para a capital baiana, onde atou como operador de caixa tipográfica e regendo algumas bandas. A atividade como maestro em Salvador parece não ter lhe garantido muito sucesso.

6.1. Composições poéticas de Joaquim Embiruçu em *O Conservador*: edição interpretativa

Os sonetos selecionados para o *corpus* deste artigo científico foram recolhidos do jornal *O Conservador* do ano de 1921. A pequena amostra é constituída de 3 (três) textos, cuja autoria é assumida por Joaquim Embiruçu e veiculados no *O Conservador*, periódico que circulou no Recôncavo Baiano, mais precisamente na cidade de Nazaré, por aproximadamente 24 (vinte e quatro) anos.

A escolha de Joaquim Embiruçu para objeto do presente estudo deve-se ao fato da singularidade de sua produção, do seu nome não figurar nos compêndios de literatura baiana e da qualidade literária dos seus textos. Acredita-se que, resgatando e editando os seus textos, estaríamos contribuindo para o preenchimento de lacunas ainda existentes na historiografia literária baiana, inscrevendo o seu nome no rol daqueles que produziu versos na Bahia, nas primeiras décadas do século XX.

O modelo editorial adotado será o da edição interpretativa, por se tratar de textos de testemunhos únicos veiculados em periódicos.

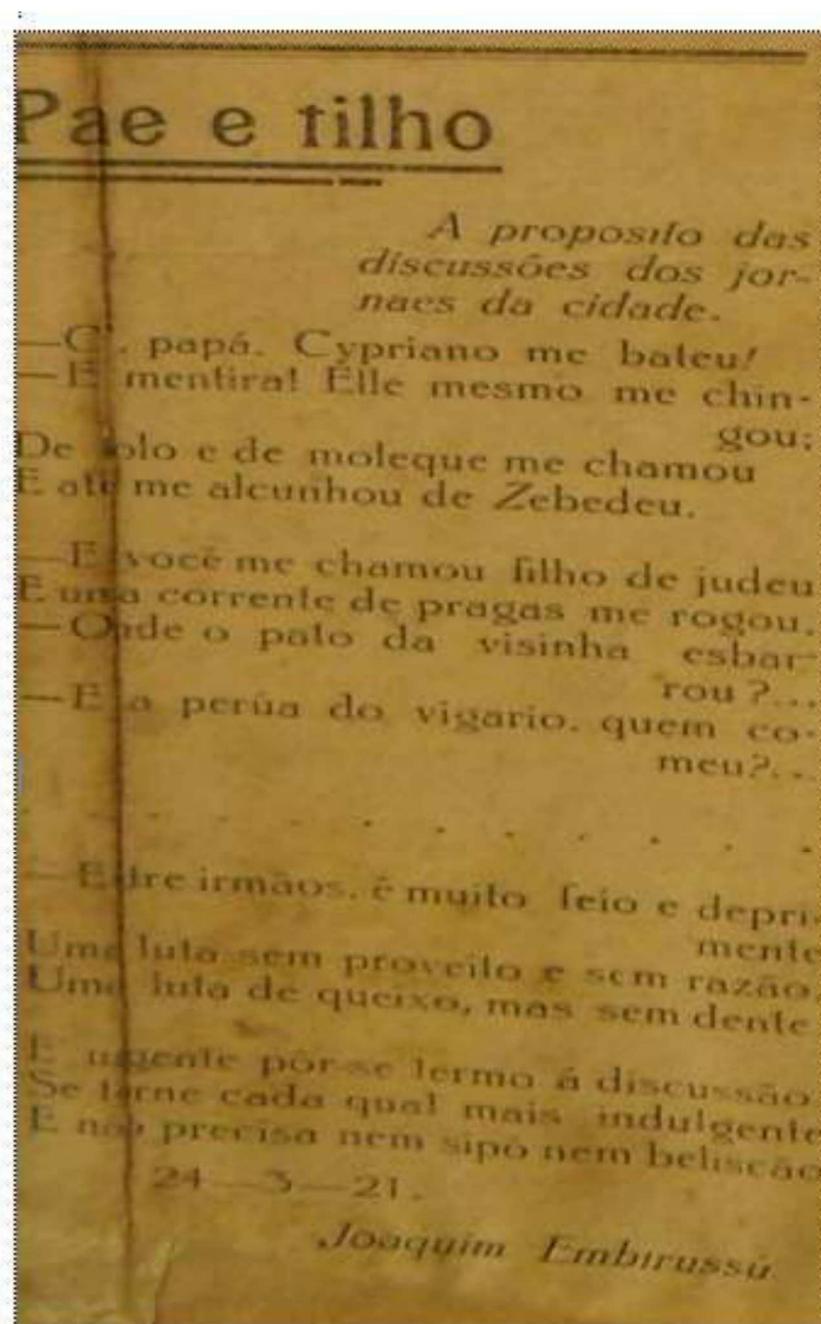
6.2. Normas adotadas na edição dos sonetos de Joaquim Embiruçu

Na edição dos sonetos de Joaquim Embiruçu, adotou-se as seguintes normas editoriais:

1. Indicar entre colchetes o acréscimo de letras ou palavras, ausentes no original por manchas ou rasgos do suporte, mas passíveis de serem depreendidas pelo contexto.
2. Manter a pontuação do original.
3. Manter as opções tipográficas do autor quanto ao uso de itálico, negrito e aspas.

4. Fazer a distribuição do texto em versos e estrofes, conforme o gênero soneto.
5. Atualizar a grafia, conforme as normas vigentes a partir do acordo ortográfico, assinado em 2008 e prorrogado para o ano de 2016.
6. Organizar os textos conforme a cronologia de sua publicação.

6.3. Edição interpretativa



Pai e [f]ilho

A propósito das discussões dos jornais da cidade.

-C[...], papá, Cypriano me bateu!
-E mentira! Ele mesmo me xingou;
De [t]olo e de moleque me chamou
E at[é] me alcunhou de Zebedeu.

-E você me chamou filho de judeu
E u[m]a corrente de pragas me rogou,
-Onde o pato da vizinha esbarrou?...
-E a perua do vigário, quem comeu?...

-E[n]tre irmãos, é muito feio e deprimente
Uma luta sem proveito e sem razão,
Um[a] luta de queixo, mas sem dente

E urgente pôr-se termo á discussão.
Se t[o]rne cada qual mais indulgente
E nã[o] precisa nem cipó nem beliscão

24-3-21.

Joaquim Embiruçu

Loucura ou desatino?

A memória do desditoso viajante
Jayme Miranda, que suicidou-se, na
«Pensão Portella», no dia 21, às
3 horas, após ter assassinado a
horizontal Julieta.

Elle amava uma mulher, e esse amor
Foi a causa principal do sacrificio
Do nome e da honra: e um dia o
Fello passar por um profundo dissa-
bor-
vicio

Pensou! mas, sem medir o precipicio.
A desgraça concebeu; e, sem lemor.
Sem ler ao infortunio aquelle horror
Que causa uma acção má, mesmo ao
início.

Do destino se fez prisioneiro.
É qual valente e audaz aventureiro.
Vendo a mulher no leito adormecida.

Do bolço uma arma nova retirou!
—Duas vezes a pistolla detonou
E eis-o, então, assassino e suicida.

22—6—21.

Joaquim Embiruçu.

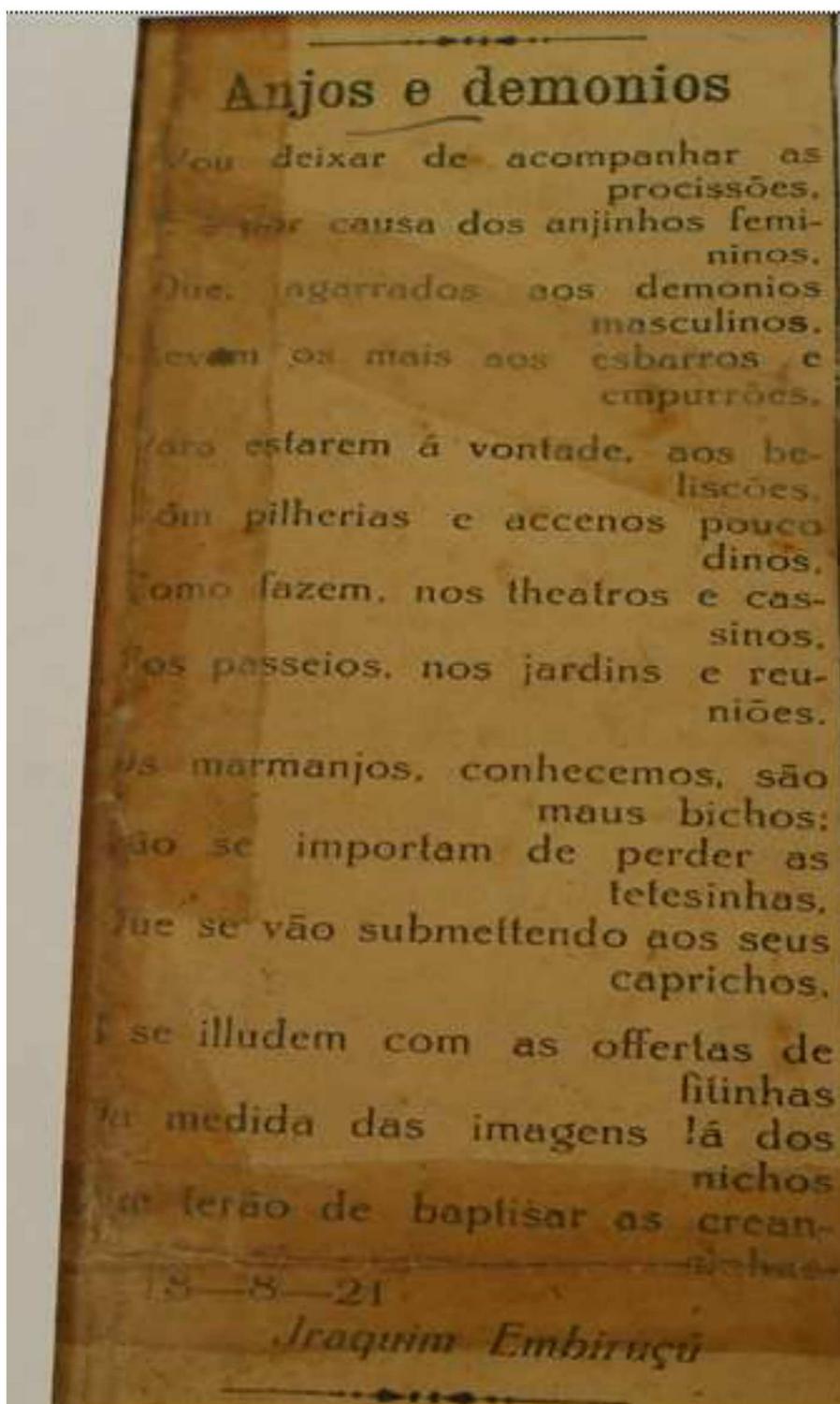
Loucura ou desatino?

À memória do desditoso viajante Jayme Miranda, que suicidou-se, na <Pensão Portella>, no dia 21, às 3 horas, após ter assassinado a horizontal Julieta.

Ele amava uma mulher; e esse amor
Foi à causa principal do sacrifício
Do nome e da honra; e um dia o vício
Fê-lo passar por um profundo dissabor.

Pensou! Mas, sem medir o precipício,
A desgraça concebeu; e, sem temor.
Sem ter ao infortúnio aquele horror
Que causa uma ação má, mesmo ao início,

Do destino se fez prisioneiro.
E qual valente e audaz aventureiro,
Vendo a mulher no leito adormecida,



Anjos e demônios

Vou deixar de acompanhar as procissões,
[...] [é] por causa dos anjinhos femininos,
Que, agarrados aos demônios masculinos,
Lev[a]m os mais aos esbarros e empurrões,

[P]ara estarem á vontade aos beliscões,
[C]om pilherias e acenos pouco dinos,
Como fazem, nos teatros e cassinos,
[N]os passeios, nos jardins e reuniões.

Os marmanjos, conhecemos, são maus bichos;
[N]ão se importam de perder as tetesinhas,
Que se vão submetendo aos seus caprichos,

[E] se iludem com as ofertas de fitinhas
[N]a medida das imagens lá dos nichos
[Que] terão de batizar as criancinhas.

18-8-21

Joaquim Embiruçu

7. *Os sonetos de Joaquim Embiruçu em O Conservador e a estética parnasiana*

O itaparicano Joaquim Embiruçu, ao escrever os seus sonetos, seguiu alguns traços normalmente praticados por aqueles filiados a estética parnasiana, movimento literário que predominou no território brasileiro entre 1880-1922.

Nos versos de Embiruçu podemos identificar alguns traços característicos e comuns a aqueles praticados pelos escritores filiados à estética parnasiana. O poeta em estudo, como os seus contemporâneos, preocupava-se com o rigor da forma e com a métrica. Vê-se uma busca incan-

sável pela perfeição formal, quase sempre moldando os seus versos no padrão rígido do soneto. Vê-se ainda, diferentemente dos românticos, o eu lírico mantendo-se imparcial, impessoal, objetivo, cultivando assim o equilíbrio e negando o sentimentalismo praticado até então.

No soneto *Pai e [f]ilho*, podemos perceber a objetividade com que o autor aborda a respeito da atitude hostil de dois periódicos da cidade. Podemos observar que não há um sentimentalismo desmedido de sentimentalismo, pelo contrário, o eu lírico mostra-se objetivo, imparcial:

E[n]tre irmãos, é muito feio e deprimente
Uma luta sem proveito e sem razão,
Um[a] luta de queixo, mas sem dente.

Há uma preocupação muito grande com os aspectos formais na composição dos versos, na escolha das palavras, buscando um efeito sonoro que só é possível através de uma rima rica, para tanto combinando palavras pertencentes a categorias gramaticais diferentes, como, por exemplo: “bateu/Zebedeu”, “judeu/comeu”. A preocupação com o rigor da forma também é evidenciado pela escolha de formatá-lo em versos decassílabos, ou seja, o mesmo número de sílabas poéticas é usado em todos os versos.

Em *Loucura ou desatino?* e *Anjos e demônios*, o poeta explora o fluxo rítmico dos sonetos recorrendo ao recurso das rimas raras, imprimindo-lhes sonância incomum, como, por exemplo “amor/dissabor”, “sacrifício/vício”, “precipício/início”, “temor/horror”, “prisioneiro/aventureiro”, “adormecida/suicida”, “retirou/detonou”, “procissões/empurções”, “femininos/masculinos” e “beliscões/reuniões” dentre outros.

8. Considerações finais

O propósito deste trabalho foi de apresentar uma proposta de edição interpretativa para os sonetos de Joaquim Embiruçu recolhidos do periódico *O Conservador* do ano de 1921. Acredita-se que com a edição dos textos do autor em questão estaríamos contribuindo para a literatura produzida em solo baiano, uma vez que o seu nome não figura nos manuais literários, ao mesmo tempo em que estaríamos oferecendo ao leitor contemporâneo textos produzidos e veiculados nas primeiras décadas de XX, reveladores da mentalidade da época em que foram produzidos. Por conseguinte, estaríamos também empreendendo aquilo que o filólogo Erich Auerbach preconizou: a edição de textos é um dos exercícios mais

nobres da filologia textual que poderá dar sua contribuição para preservação do patrimônio escritural da Bahia.

Neste estudo buscou-se desvendar um escritor baiano, não estudado e nem reconhecido, tornando transparente sua produção, buscando mostrar o caráter social de seus textos poéticos, descortinando, por exemplo, um dos vícios daquela sociedade de apostar em corridas de cavalos, e inserindo o seu nome dentro da estética parnasiana.

A partir do momento que iniciou suas atividades de poeta e compositor Joaquim Embiruçu produziu centenas de versos que foram publicados em inúmeros periódicos brasileiros, tanto na Bahia como em outras regiões do país. Decerto, tem uma produção poética dispersa nos nossos periódicos que necessita ser resgatada e ofertada ao público leitor.

REFERÊNCIAS

ABBADE, Celina Márcia de S.; NUNES, Itana N. *Literatura e filologia: as duas faces da crítica nos textos*. Disponível em:

<http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ8_07.htm>. Acesso em: 05-11-2014.

AUERBACH, Erich. A filologia e suas diferentes formas. In: _____. *Introdução aos estudos literários*. Trad.: José Paulo Paes. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

AMORIN, Alan Ricardo de. A literatura em busca de um conceito. *Revista Urutaguá* (Maringá – PR), ano I, n. 02, jul.2001 Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br//02_literatura.htm>. Acesso em: 23-11-2014.

ANDRADE, Ediane Brito. *Da vida, de Antônio Ferreira Santos: uma proposta de edição*. 2012, 63 f. Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia para obtenção do título de Graduado.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2003.

BORGES, Valdeci Rezende. História e literatura: algumas considerações. *Revista de Teoria da História*, ano 1, n. 3, jun./2010.

BUENO, Francisco da Silveira. *Estudos de filologia portuguesa*. 5. ed.

São Paulo: Saraiva, 1967.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 6. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1980.

_____. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura* (São Paulo), vol. 24, n. 9, set. 1972. Disponível em:

<file:///C:/Users/CAROL/Downloads/Antonio%20Candido%20%E2%80%A2%20A%20literatura%20e%20a%20Forma%20C3%A7%C3%A3o%20do%20Homem.pdf>>. Acesso em: 23-11-2014.

CULLER, Jonathan. O que é literatura e tem ela importância? In: _____. *Teoria literária: uma introdução*. Trad.: S. Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

CURY, Maria Zilda Ferreira. A historiografia literária em questão. In: _____. *Teoria da literatura na escola: atualização para professores de I e II graus*. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 1992, p. 53-66.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1974.

EMBIRUÇÚ, Joaquim. Pai e [f]ilho. *O Conservador*, Nazaré, v. 1, n. 43, p. 02, 24-04-1921.

_____. Loucura ou desatino? *O Conservador*, Nazaré, v. 1, n. 11, p. 02, 07-08-1921.

_____. Anjos e demônios. *O Conservador*, Nazaré, v. 1, n. 13, p. 02, 04-09-1921.

GREGGERSEN, Gabriele. Filologia e literatura: trocando ideias com Tolkien e Lewis. *Todas as letras*, n.5, p. 65-74, 2003.

JOAQUIM EMBIRUÇÚ. *O Conservador*, Nazaré, v. 1, n. 4, p. 02, 12-06-1924.

_____. *O Conservador*, Nazaré, v. 1, n. 5, p. 02, 18-06-1924.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

POUND, Ezra. *ABC da literatura*. Organização e apresentação da edição

brasileira: Augusto de Campos. Tradução: Augusto de Campos e José Paulo Paes. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

RAMOS, Nair Caroline. S; TEIXEIRA, Maria da Conceição. R. O flamboyant, mulungu e o supremo desejo, de Eugênio Gomes: resgate de escritores baianos em *O Conservador. Cadernos do CNLF*, vol. XVII, n. 03. Rio de Janeiro: CiFEFiL, p. 160-169, 2013.

ROCHA, Iraci Simões da. *Notas de aulas*. Disciplina: Teoria da Literatura, Letras/UNEB. Salvador, outubro de 2013.

SANTOS, Dennis de Oliveira. Sociologia da literatura. *Revista Urutágua – Revista Acadêmica Multidisciplinar* (Maringá-PR), n. 14, dez./2007, jan./fev./mar.2008.

SANTOS, Patrícia Barbosa dos. *A produção literária nos jornais e folhetins piauienses dos séculos XIX e XX*. Disponível em: <www.uefs.br/erel2009/anais/patriciasantos.doc>. Acesso em: 05-11-2014.

SILVA, Esequiel Gomes da; FERNANDES, Marcos R. C. Literatura e sociedade: problemas de teoria e de método. In: *Anais do V Congresso de Letras - Discurso e Identidade Cultural*, 17 a 21-05-2005. [CD-ROM]

SILVA, Luciana Marinho Fernandes da. Literatura e sociedade: da teoria do reflexo à construção discursiva de identidades sociais. *Graphos: Revista da Pós-Graduação em Letras – UFPB*, João Pessoa, vol. 7, n. 2/1, p. 141-146, 2005.

SPINA, Segismundo. *Introdução à ecdótica*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Ars Poetica; Edusp, 1994.

TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis. Abolição e outros textos. *Scripta Philologica*, n. 2, 2006, p. 26-40. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/scripta_philologica/02/A_Aboli%C3%A7%C3%A3o_e_outras_textos.pdf>.

TOLEDO, Dionísio de Oliveira. (Org.). *Teoria da literatura: formalistas russos*. 4. ed. Porto Alegre: Globo, 1978.

VELLOSO, Mônica Pimenta. A literatura como espelho da nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, p. 239-263, 1988.